

O cristianismo vivo em Clemente de Alexandria

Ivan Antonio de Almeida*

Resumo:

Do século III ao século XV é grande a mudança do Cristianismo no Ocidente. Certos temas desaparecem ou simplesmente são proibidos. A própria fonte do debate, os textos do Velho Testamento e os da Boa Nova, a princípio traduzidos avidamente, tornam-se, num determinado momento, acessíveis apenas à minoria que ainda consegue ler e escrever em latim ou em grego. Na grande abertura representada pelo Vaticano II, que proclama a necessidade do retorno às fontes, inclusive da Patrística, um autor é, estranhamente, pouco lembrado. Não por ausência de qualidades intelectuais, ou por eventuais desvios em relação à ortodoxia, mas, diríamos, justamente pelo contrário, pela sua erudição e pela proximidade com a tradição dos primeiros séculos. Trata-se de Clemente de Alexandria, nascido em Atenas, por volta de 150 e falecido entre 211 e 216 na Capadócia. Filósofo de sólida formação intelectual, converte-se ao cristianismo e exalta a necessidade da catequese: “não é possível acreditar sem a catequese”, completado pelo ensino gnóstico. Destaca os níveis de interpretação das escrituras e estabelece paralelos com a tradição de outras culturas, tais como a grega e a egípcia. Pelo seu destaque às características esotéricas do Cristianismo é precursor de Orígenes, Gregório de Nissa e Dionísio Areopagita.

PALAVRAS-CHAVE: Cristianismo, gnose, filosofia

Living Christianity in Clement of Alexandria

Abstract

Christianity undergoes a great change from the 3rd Century through the 15th Century in the West. Certain themes cease to be treated or are simply forbidden. The source of debate itself, the Old Testament texts and those of the Gospels, at first avidly translated, become accessible only to the minority that can still read and write in Latin or Greek. In the opening of Vatican II that proclaims the need to return to the sources, including Patristics, one author is strangely not well remembered. That was not due to lack of intellectual qualities or eventual deviations from orthodoxy, but precisely because of his erudition and his closeness to the tradition of the first centuries. He is Clement of Alexandria, born in Athens c. 150 and deceased between 211 and 216 in Cappadocia. Being a philosopher of solid intellectual education, he is converted to Christianity and praises the need to catechize: “it is impossible to believe without catechization” complemented by Gnostic teaching. He emphasizes the Scriptures interpretation levels and establishes parallels with the tradition of other cultures such as the Greek and the Egyptian. Because of the emphasis given to Christianity’s esoteric characteristics he is the precursor of Origen, Gregory of Nyssa and Dionysius Areopagite.

Key-words: Christianity, gnosis, philosophy

Pero los caminos[que llevan] hacia la justificación, salvando dios mismo de muchas maneras (porque es bueno), son numerosos y variados, y conducen por la puerta y el camino del Señor. (ALEXANDRIA, 1996:155)

* Universidade Federal de Ouro Preto, doutor.

A riqueza da obra de Clemente de Alexandria explica-se por circunstâncias muito especiais. A igreja, ainda é a comunidade reunida em torno do seu bispo. Entre os períodos de relativa paz que se sucedem às violentas perseguições por parte do estado romano, é intenso o debate intelectual entre os cristãos. Passado o tempo no qual parecia iminente a Parusia, discutem-se questões para as quais os livros sagrados apenas servem de fonte. São temas como a relação entre a filosofia e a fé, o papel da revelação judaica para o cristianismo, a existência ou não de uma gnosis cristã, a simbólica como linguagem para a compreensão das questões divinas, entre outras tantas. Também havia uma rica tradição cultural que antecedia ao cristianismo, cujas verdades, no entendimento dos filósofos que aderem ao cristianismo, o Cristo representa o ápice.

Nesse ambiente, talvez não tivesse sentido uma exposição sistemática sobre um determinado tema, pois tudo ainda estava em gestação. No caso de *Stromata*, diz Clemente de Alexandria sobre a obra: “Nuestros *Stromata* se parecen a uma pradera. Mil objetos diversos se mezclan y se confundem en ellos a la manera de las flores, según se han ofrecido a nuestro espíritu, esparcidos sin orden y sin arte, algunas veces incluso dispersados a propósito” (ALEXANDRIA, 2005:57). O estilo e composição da obra, portanto, não é casual. Clemente deixou-se levar pela memória, alimentada por rica erudição e julgou conveniente esse estilo, cuja dispersão foi inclusive proposital. É o próprio autor quem revela as verdadeiras razões para a adoção desse estilo.

A mensagem cristã é simultaneamente exotérica, de entendimento simples e evidente; e sobretudo esotérica, oculta ou reservada, como todos os textos sagrados, pois as coisas divinas não podem ser reduzidas à exposição racionalizada, conceitual, exigindo assim a linguagem figurada, simbólica, alegórica. Dessa forma sua compreensão exige estudo¹, reflexão e assimilação para se tornar compreensível. Clemente explica que escreveu “de una manera desparramada y dispersa, como las semillas, de modo que no estén al alcance de los charlatanes, cual grajos. Mas se tienen la suerte de encontrar un buen agricultor, cada un de esas semillas brotará y mostrará lozano el trigo” (ALEXANDRIA, 1996:195). Esclarece ainda que, “es em realidade peligroso decir palabras puras y luminosas acerca de la verdadera luz ante oyentes semejantes a los puercos e ineducados; pues no hay relatos más ridículos para el

¹ A expressão “cingir os rins”, por exemplo, muito comum especialmente no Velho Testamento, exige o conhecimento da medicina antiga para que se compreenda o seu significado. Os rins eram considerados os órgãos da cólera, assim, “cingir os rins” significa conter-se, controlar, segurar ou ter domínio sobre as suas paixões.

vulgo que ésos [mistério], a la vez que no hay nada más maravilloso y más inspirado pra los bien dispuestos” (ALEXANDRIA, 1996:103)².

Nesta obra Clemente registra tudo o que apreendeu com seus mestres e, ainda que reconheça “la fragilidad de estas notas escritas, em comparación con aquel espíritu lleno de gracia, a quien tuvimos el honor de escuchar” (ALEXANDRIA, 1996:97), e ainda, que os mistérios³ “como Dios mismo, se confían a la palabra y no a los escritos” ((ALEXANDRIA, 1996:95), Clemente considera que essas notas podem servir para despertar a memória, tanto para reavivá-la quanto para não esquecer. Clemente nota também que, com o tempo, muitas coisas serão esquecidas porque não foram anotadas.

O estilo e o conteúdo da obra, que traduz o registro de uma tradição transmitida oralmente, o tempo o demonstrou, a tornou um clássico que pode e deve ser lido e relido a qualquer época. Foi grande o risco de perda dessa preciosa obra, pois o texto atual tem origem num único exemplar do século XI, proveniente da Capadócia e conservado hoje na biblioteca de Florença⁴. O paradoxo de ser “a la vez célebre y poco conocida” (ALEXANDRIA, 1996:13), como diz Marcelo Merino⁵, na introdução do primeiro livro do *Stromata*, explica-se por razões políticas. Já durante a semiclandestinidadade, os debates entre os cristãos eram intensos. Mais tarde, com a liberdade de culto (313) e a oficialização da religião pelo império romano (380), os conflitos se agravam, chegando à violência física. Orígenes (186-254) discípulo de Clemente, morto em consequência das torturas sofridas durante uma das perseguições, tem parte da sua obra destruída, mesmo após a sua morte, como consequência da polêmica entre as comunidades cristãs⁶.

A obra de Clemente nos fornece também um panorama da riqueza cultural do mundo romano, que desde os gregos se estende até a Índia acompanhando as distantes relações comerciais que integravam esses continentes. Clemente recorda que a filosofia, entendida na época como todo o conhecimento, tanto das ciências naturais quanto das ciências humanas:

“floreció hace tiempo junto a los bárbaros y fue dispuesta entre las naciones; luego llegó también a los griegos. La manifestaron públicamente los profetas de Egipto, los caldeos de Asíria, los druidas de Galacia, los samaneus de Bactriana, los filósofos celtas, los Magos de Pérsia (quienes con su ciencia preanunciaron el nacimiento del Salvador, siendo guiados por una estrella em su caminar hacia el país

² A passagem é inspirada em *Mt.7,6*.

³ Conforme esclarece o tradutor, o termo “mistério” significa tanto o conjunto da doutrina cristã como sua forma secreta de transmissão (ALEXANDRIA, 1996:95, nota 110).

⁴ Considerando-se que a Espanha é o país que mais traduz no mundo a versão do primeiro livro do *Stromata* para o castelhano em 1996 é recentíssima.

⁵ Marcelo Merino Rodríguez é o tradutor da obra de Clemente de Alexandria para o castelhano e responsável pelas enriquecedoras notas.

⁶ Uma perda inestimável. Orígenes é um dos raros casos em que o discípulo se compara ao mestre em termos de importância da obra produzida.

de Judea), y, además de otros filósofos bárbaros, los gimnosofistas de Índia. Y éstos [últimos] son de dos categorías: los llamados sarmanes y los brahmanes. Los sarmanes, llamados hombres de madera, no viven en ciudades ni tienen casas, sino que se visten con cortezas de árboles, se alimentan con frutos silvestres y beben el agua con las manos; no se casan ni tienen hijos, al igual que los ahora llamados encratitas. Entre todos los habitantes de Índia hay quienes obedecen las prescripciones de Buda⁷. A este lo honran como dios por su extrema dignidad” (ALEXANDRIA, 1996: 225-227).

Como se vê, toda diversidade cultural do mundo conhecido é bastante familiar para Clemente. Na sua obra comenta, com igual desenvoltura, as escolas gregas de pensamento, comparando-as com a tradição judaica e o ensinamento cristão.

Assim, a filosofia, o conhecimento que todos os povos possuem em diferentes níveis e graus, é necessária e útil. Não uma filosofia específica, vinculada a uma determinada escola, ou cultura, mas “lo que em cada uno de esos sistemas se dice conveniente, y que enseñã a fondo la justicia al mismo tiempo que el saber piedoso; a todo esse conjunto ecléctico denomino filosofia” (ALEXANDRIA, 1996:153). O real, no entanto, não é diretamente revelado pela filosofia que está em relação à verdade tal como a polpa da fruta para a semente. A fé é pré-condição para o conhecimento que, por sua vez, “es incommovible por razonamiento” (ALEXANDRIA, 1998:149). O conhecimento cristão não é um conhecimento apenas racional, expresso por palavras, mas exige uma vivência reta, pois a verdadeira ciência, a “única gnosis de la sabedoria” (ALEXANDRIA, 1998:149), jamais se separa da “práctica de la justicia” (ALEXANDRIA, 1998:149).

Recordando Isaías (Is, 79) lembra que sem fé não há entendimento; que a fé “es una preconcepción voluntária, una anuencia religiosa, una garantia de lo que se espera, una prueba de las cosas que no se ven (Hb.11,2), según el divino Apóstol (ALEXANDRIA, 1998:71)”.

Clemente denomina o entendimento do que foi, é e será, ou seja, o conhecimento no sentido pleno, de *gnosis*⁸. A gnose não é para todos, pois como disse o Senhor: “É por isso que uso parábolas para falar com eles: assim eles olham e não vêem, ouvem e não escutam e nem compreendem (Mat. 13, 13)”. A forma de sua transmissão é sobretudo pela palavra e não por escritos, pressupondo a fé, como vimos. Assim é possível instruir a cada um de acordo com sua capacidade de entendimento; “para que estén [os mistérios] en la boca del que habla y en la del que escucha; o mejor aún, no en la facultad de hablar sino en la inteligencia (ALEXANDRIA, 1996:97). A “inteligência” aqui é a plena apreensão. Não apenas um entendimento racional, mas conhecer porque acredita e porque esse conhecimento é prático,

⁷ É primeira menção ao budismo por parte de um autor cristão.

⁸ Paulo de Tarso explica a diferença entre o conhecimento comum e a gnosis: “...sabemos que todos nós temos conhecimento’. Mas, o conhecimento envaidece; é o amor que constrói” (I Cor.8,1).

condição para a plena divinização do homem (*theopoiein*), que culmina na prática sistemática do amor. Assim, através das criaturas o cristão ama o Criador e por meio do amor já permanece com o amado.

Clemente de Alexandria faz menção freqüente a Paulo de Tarso, que na Primeira Carta aos Coríntios, escreve sobre o que Clemente chama de “a verdadeira gnosis”: “Na realidade, é aos maduros na fé que falamos de uma sabedoria que não foi dada por este mundo, nem pelas autoridades passageiras deste mundo. Ensinamos uma coisa misteriosa e escondida: a sabedoria de Deus, aquela que ele projetou desde o princípio do mundo para nos levar à sua glória (I Cor. 2, 6-7)”.

Clemente adverte ainda que: “es en realidad peligroso decir palabras puras y luminosas acerca de la verdadera luz ante oyentes semejantes a los puercos e ineducados; pues no hay relatos más ridículos para el vulgo que éstos, a la vez que no hay nada más maravilloso y más inspirado para los bien dispuestos (ALEXANDRIA, 1996:193).

Na leitura da obra de Clemente de Alexandria, estaremos em contato com anotações que recordam “las tradiciones ocultas de la verdadera gnosis” (ALEXANDRIA, 1996:195), que o autor ouviu com seus próprios ouvidos e cuja compreensão exige a transmissão oral e que apenas o risco de se perderem completamente justifica a publicação. Porém o que vai dizer, não é “como quien interpreta suficientemente los misterios, puesto que se necesitaria mucho más; sino sólo para recordarlos, tanto en el caso de que los hayamos olvidado por completo, como para que no los olvidemos (ALEXANDRIA, 1996:99)”.

Este é o cristianismo vivo de Tito Flávio Clemente.

Se lermos os evangelhos e epístolas com esse espírito, não parecerá estranho ou enigmática a afirmação do “divino apóstolo”, de que na mensagem do Cristo: “tudo é permitido, mas nem tudo convém” (I Cor.10,23).

Bibliografia

ALEXANDRIA, *Clemente de. Stromata I, Cultura e Religión*. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1996.

_____. *Stromata II-III, Conocimiento religioso y continencia auténtica*. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1998.

_____. *Stromata IV-V, Martírio cristiano e investigación sobre Dios*. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2003.

_____. *Stromata VI-VIII, Vida intelectual y religiosa del cristiano*. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2005.

BÍBLIA SAGRADA, São Paulo, Edição Pastoral: Edições Paulinas, 1990.

DICIONÁRIO DE MÍSTICA. São Paulo: Paulus: Edições Loyola, 2003.